

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Comunicação Social (Jornalismo)

Carolina Ito Messias

ESTILHAÇO: UMA JORNADA PELO VALE DO JEQUITINHONHA

Bauru

2015

Carolina Ito Messias

ESTILHAÇO: UMA JORNADA PELO VALE DO JEQUITINHONHA

Grande reportagem em quadrinhos intitulada “Estilhaço: uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha”, apresentada como Projeto Experimental de Conclusão de Curso de Comunicação Social (Jornalismo), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel, sob orientação do Professor Doutor Marcelo Magalhães Bulhões.

Bauru

2015

Carolina Ito Messias

ESTILHAÇO: UMA JORNADA PELO VALE DO JEQUITINHONHA

Grande reportagem em quadrinhos intitulada “Estilhaço: uma jornada pelo Vale do Jequitinhonha”, apresentada como Projeto Experimental de Conclusão de Curso de Comunicação Social (Jornalismo), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel, sob orientação do Professor Doutor Marcelo Magalhães Bulhões.

Bauru, 06 de maio de 2015.

Profº Dr. Laan Mendes de Barros
Membro da banca examinadora

Profº Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Membro da banca examinadora

Profº Dr. Marcelo Magalhães Bulhões
Membro da banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Este trabalho, situado na ordem das realizações pessoais mais significantes, teve a contribuição de pessoas que passaram pelo meu caminho ao longo da graduação em jornalismo.

Agradeço, primeiramente, ao professor escolhido para orientar os primeiros fôlegos da história em quadrinhos, Jean Portela, grande mestre e mentor. Mesmo à distância, ele não hesitou em auxiliar nos momentos decisivos do trabalho final e também da minha vida recente como um todo. Sempre com conselhos úteis, não no sentido pragmático da coisa, mas no sentido de que eu levarei para a vida. Não menos relevante foi sua participação na obra, escrevendo a apresentação da HQ “Estilhaço” com sua poesia e sensibilidade latentes.

Agradeço também ao professor Marcelo Bulhões que, gentilmente, aceitou me orientar já na metade do processo e que acompanhou os momentos mais importantes da elaboração do livro – e as crises existenciais mais agudas, claro.

Não poderia deixar de agradecer ao mestre que me ensinou muito sobre a vida acadêmica e profissional e proporcionou ter uma base importante para seguir daqui em diante: Danilo Rothberg. Dedico meu respeito e afeto, afinal, as primeiras pesquisas a gente nunca esquece.

Aos meus pais devo dedicar total gratidão por terem participado ativamente de tudo que conquistei, incluindo realizar a graduação longe de casa, na sonhada universidade da adolescência. Sei que foi um esforço tremendo me apoiarem nas escolhas feitas inicialmente por instinto, mas que hoje posso dizer com propriedade que foram acertadas.

Às minhas amigas e futuras companheiras de profissão, meu agradecimento acompanhado de uma “breja” gelada no boteco mais próximo. Isis Rangel, Carolina Baldin, Amanda Tiengo e Julia Travieso sempre serão bem vindas em minha vida e espero compartilhar mais momentos felizes como este final de curso. Ao amigo Daniel Kojak Moraes um agradecimento que espero poder fazer de modo contínuo, nas próximas andanças da vida.

Conhecer o Vale do Jequitinhonha só foi possível com a ajuda dos Amigos do Jequití, que me receberam com carinho na viagem, e do parceiro Rôney Rodrigues, a quem sou grata, acima de

tudo. A produção da reportagem também não seria possível sem o acolhimento dos moradores do Jequitinhonha.

Dedicado à Helena Sato,
tia e segunda mãe.

RESUMO

O projeto experimental tentou obter uma visão endógena da vida dos moradores da região do Vale do Jequitinhonha, localizada a nordeste de Minas Gerais. Os baixos indicadores sociais indicam a carência de uma população que declinou juntamente ao fim do ciclo do ouro. O clima da região também é caracterizado por longos períodos de seca, o que é apontado como um dos principais empecilhos para o desenvolvimento dos municípios e distritos. As entrevistas com os moradores do Vale são matéria-prima para o desenvolvimento de uma grande reportagem em quadrinhos.

PALAVRAS-CHAVE

Estilhaço; Vale do Jequitinhonha; Quadrinhos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido.....	11
2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto	
2.2.1 Modos de narrar e o repórter em cena.....	14
2.2.2 As contribuições teóricas da semiótica dos quadrinhos.....	17
2.2.3 Entrevistas e capítulos da HQ.....	19
2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas.....	21
3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	24
4 METODOLOGIA	
4.1 Descrição das atividades executadas.....	26
4.2 Descrição das técnicas empregadas.....	26
4.3 Descrição do produto final.....	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

Desde a popularização da fotografia e, conseqüentemente, do aumento da utilização de imagens pelos meios de comunicação, é notável que a imagem adquiriu papel fundamental na apuração jornalística. No contexto em que texto e imagem são combinados para informar o público, o projeto experimental propõe o exercício da reportagem em quadrinhos, impressa no formato de “graphic novel” ou romance gráfico.

O objeto de pesquisa é a vida dos moradores do Vale do Jequitinhonha (MG), buscando observar de que maneira eles têm acesso aos serviços públicos, qual a fonte de renda predominante e quais costumes estão presentes no cotidiano das famílias, como religião, alimentação, lazer e cultura. Para fundamentar a realização da reportagem em quadrinhos, também será tomada como objeto de estudo a linguagem das histórias em quadrinhos e de que maneira ela dialoga com o jornalismo.

O objetivo geral é identificar aspectos da vivência dos moradores do Vale do Jequitinhonha explorando o formato de grande reportagem em quadrinhos. Os objetivos específicos são os seguintes: exercitar técnicas de entrevista, com base nos estudos e práticas desenvolvidas ao longo da graduação; exercitar técnicas de apuração jornalística, como levantamento de dados e de material bibliográfico, para investigar a hipótese da reportagem e aprofundar o conhecimento da narrativa das histórias em quadrinhos, utilizando o referencial teórico da semiótica para melhor compreensão dos recursos verbo-visuais utilizados na reportagem.

O projeto experimental justifica-se, primeiramente, por tratar de um tema pouco abordado pela mídia tradicional, buscando retratar a vida de uma população que vive à margem das condições para o exercício de sua cidadania. A falta de emprego e alternativas para gerar renda torna a vida dos moradores do Vale do Jequitinhonha instável e com poucas perspectivas de avanço.

Composta por 75 municípios, a região do Vale do Jequitinhonha ocupa 14,5% do território de Minas Gerais. O nome Jequitinhonha refere-se à prática de pesca dos índios Botocudos, em que utilizavam uma armadilha feita de bambu para pegar peixes durante a noite. Ao verificarem os

resultados da pescaria, concluíam que “jequi tinha onha”, algo como “a armadilha tinha peixe” (GUERRERO, 2009).

O clima da região, que abrange desde o tropical chuvoso até o semi-árido, supostamente, é um fator que influencia na obtenção de renda. As prefeituras, por vezes, negam aos moradores serviços básicos de saúde, saneamento e transporte.

A imagem construída pela grande mídia, geralmente, retrata o Vale como vítima de longos períodos de seca, o que justificaria, de certa forma, a situação de pobreza e miséria de muitos moradores. Desse modo, foi importante averiguar se essa imagem corresponde às condições sociais, climáticas e geográficas da região e o que tem sido feito para amenizar os efeitos da seca.

Guerrero (2009), em sua pesquisa sobre os contrastes culturais e econômicos do Vale do Jequitinhonha, explica que dois rios da região, o próprio Jequitinhonha e o Araçuaí, já foram importantes canais de escoamento do ouro entre os séculos 17 e 18. O fluxo de embarcações movimentou intensamente o comércio em algumas cidades do Vale, que acabavam se interligando com outros municípios até o sul da Bahia. Porém, quando estas cidades deixaram de ser importantes entrepostos comerciais, a economia da região foi prejudicada. Segundo a autora, “a abertura das estradas de rodagem, de outros canais de escoamento de mercadorias e produtos, e de outras vias de comunicação e de transporte” (GUERRERO, 2009) fez com que o Vale amargasse um longo período de estagnação econômica.

O projeto experimental de grande reportagem em quadrinhos aborda vários aspectos, desde as relações de gênero marcadas nos relatos dos entrevistados, até a atuação da gestão pública nos municípios visitados durante a apuração. Houve a possibilidade de explorar um formato pouco convencional, que é o das histórias em quadrinhos, aqui considerado como uma maneira atraente de veicular informação e que é capaz de agregar diferentes linguagens e recursos estéticos em sua composição.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Fundamentação e justificativa do gênero e formato escolhido.

O produto terá como gênero o jornalismo em quadrinhos, a partir do reconhecimento de que essa é uma área nova nos estudos em comunicação e precisa ser estudada com maior profundidade. O formato, por sua vez, será o de reportagem em quadrinhos para publicação impressa. Negri (2003) atribui aos trabalhos de Joe Sacco, jornalista maltês que hoje vive nos Estados Unidos, a “invenção” da reportagem em forma de quadrinhos, ao utilizar técnicas comuns à atividade de um repórter, aproximando-se do estilo *New Journalism* iniciado nos Estados Unidos.

No projeto de pesquisa, a proposta era de que reportagem fosse publicada online, por meio da criação de um site específico de jornalismo em quadrinhos. A opção pelo site havia sido feita por conta das vantagens de custo e circulação. Obstáculos operacionais fizeram com que o produto fosse impresso no formato de “graphic novel” ou romance gráfico, que são os nomes atribuídos às HQs que se aproximam do formato de livro e possuem histórias mais longas, em comparação às tirinhas, cartuns e charges.

Nesse momento, é necessário justificar o porquê de a reportagem ter sido elaborada a partir da linguagem dos quadrinhos e o que isso acrescenta na discussão sobre formatos jornalísticos alternativos à produção da mídia tradicional. Santaella (2005), em seu livro “Por que as comunicações e as artes estão convergindo?” argumenta que as mudanças culturais e econômicas trazidas pela Revolução Industrial, associadas ao surgimento da fotografia, alteraram o espaço em que as “belas artes” operavam. De acordo com a autora, “cada vez mais, nossa cultura foi perdendo a proeminência das ‘belas letras’ e ‘belas artes’ para ser dominada pelos meios de comunicação” (SANTAELLA, 2005, p. 6).

A fotografia foi elemento que impulsionou a apropriação, em larga escala, da imagem pelos meios de comunicação. Santaella (2005) define que a particularidade do registro fotográfico, do ponto de vista da semiótica, é o vínculo físico-químico entre “o referente e seu reflexo” (p. 29). No entanto, com o avanço das tecnologias de fotografia digital, esse vínculo é perdido, afinal, a imagem pode ser manipulada por programas computacionais. Essa transformação do paradigma

fotográfico explicaria o “crescimento de signos no mundo” (p. 29-30), sem desprezar a produção de imagens artesanais apropriadas pela mídia por meio do design e da publicidade, por exemplo.

Considerando o atual contexto midiático (incluindo o jornalismo) em que as imagens são fundamentais na elaboração de material noticioso, os quadrinhos ganham novos espaços de atuação. O jornalismo em quadrinhos, por sua vez, pode apresentar uma distinção em relação à fotografia, pois, ao mesmo tempo em que cumpre com os princípios da apuração jornalística, também permite explorar o caráter interpretativo e criativo por meio dos recursos imagéticos e informacionais das histórias em quadrinhos. O jornalista/quadrinista aplica sua criatividade na criação dos enquadramentos, na sequência dos quadros, nos personagens, no roteiro, enfim, em todo o processo de criação da reportagem. Além disso, esse tipo de formato permite assegurar facilmente a ocultação de fontes que não desejam ou não podem ser identificadas.

Não é de hoje que importantes autores de histórias em quadrinhos buscam aproximação com temas da realidade. Algumas obras são frequentemente citadas na literatura sobre jornalismo em quadrinhos por terem sido elaboradas de maneira semelhante à reportagem, como: “Maus”, de Art Spiegelman, lançada na década de 1980, conta a história de uma família judia em meio ao nazismo; “New York: The Big City”, de Will Eisner, lançada na mesma década, narra o cotidiano da metrópole Nova Iorque; “Último dia no Vietnã”, do mesmo autor, traz várias histórias vivenciadas por Eisner quando foi repórter de guerra pela P.S. Magazine (NEGRI, 2003), entre outras obras.

Mas o grande marco da associação entre jornalismo e histórias em quadrinhos surge com a publicação, em 1994, do livro-reportagem “Palestina: uma nação ocupada”, do jornalista e quadrinista Joe Sacco. De acordo com Medeiros e Gomes (2013, p. 5), as práticas lançadas por Sacco e outros autores (influenciados pelo *New Journalism* americano) “se mostra como uma espécie de vanguarda para o próprio fazer jornalístico, que, com a popularização da Internet, vê-se numa suposta crise de identidade”.

No Brasil, iniciativas na vertente do jornalismo em quadrinhos foram lançadas em veículos fora do *mainstream*, como a revista Fórum (MEDEIROS E GOMES, 2013), Agência Pública de

Jornalismo Investigativo e, esporadicamente, pelas versões digitais dos grandes jornais Folha de São Paulo e Estadão.

Desse modo, o projeto experimental é lançado como uma proposta de desenvolvimento da reportagem diferente da que costuma ser feita pelos veículos de comunicação tradicionais, visando atender às necessidades do mercado editorial contemporâneo. Medeiros e Gomes (2013, p. 3) esclarecem quais podem ser essas necessidades, que surgem com o avanço da tecnologia e dos meios digitais:

As transformações que o jornalismo sofreu não implicaram apenas na apresentação do seu texto noticioso, mas, a partir disso, começaram a aparecer novos gêneros, ou seja, novas formas que o jornalista busca para se expressar, definidos no estilo, na língua, na utilização de novos recursos que ajudam no relato da informação. Essas novas formas de expressão jornalística se definem pelo estilo e assumem expressão própria pela obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora.

Negri (2003), assim como Medeiros e Gomes (2013), propõe o estudo de um novo gênero, que seria o do jornalismo em quadrinhos, baseando-se, sobretudo, na análise do trabalho do jornalista e quadrinista maltês Joe Sacco. Ele seria o inventor desse novo gênero ao trabalhar com conceitos de apuração da reportagem somados à linguagem dos quadrinhos, aproximando-se do estilo *new journalism* norte-americano – ou recriando um novo estilo dentro dessa vertente.

Joe Sacco consegue unir o documentário, a literatura e o jornalismo (como fizeram os grandes nomes do estilo *new journalism* norte-americano), unindo mais um elemento que, inicialmente, parece impossível: o quadrinho. [...] O roteiro de suas HQs é um misto de ironia e crueza. Seu texto é bem coloquial, combinando dados objetivos sobre questões complexas com observações e sentimentos pessoais. Ambíguos são também seus desenhos: um traço forte, grosseiro e ao mesmo tempo tocante (Negri, 2003, p. 4).

Com a popularização da internet, o jornalismo passa a enfrentar um momento de crise, muito discutido pelos profissionais da área. O jornalismo em quadrinhos poderia ser entendido como uma espécie de vanguarda, renovando o modo como a informação é veiculada. Não se trata de ser a solução para todos os problemas enfrentados pelo jornalismo contemporâneo (Medeiros e Gomes,

2013), mas sim, uma tentativa de arejar as práticas profissionais e atrair novos nichos de público. De acordo com os estudos de Medeiros e Gomes (2013, p. 5), “almeja-se lançar olhos para uma prática que tem se tornado recorrente e deixado de estar presente apenas em livros-reportagens, mas ganhando páginas de revistas mensais, como é o caso da Revista Fórum”.

No Brasil, esta prática começa a se estruturar como gênero com algumas entrevistas e reportagens publicadas em jornais diários, e, a partir de agora, com a utilização desta linguagem nas reportagens apuradas e veiculadas na Revista Fórum. É a partir do surgimento desse tipo de reportagem em quadrinhos numa revista mensal brasileira que poderá começar a se pensar numa consolidação do JHQ enquanto gênero jornalístico no Brasil (Medeiros e Gomes, 2013, p. 6).

As reportagem em quadrinhos do repórter e quadrinista Alexandre de Maio, que tem seus trabalhos publicados atualmente na Revista Fórum e, esporadicamente, no site Pública (Agência de Jornalismo Investigativo) são exemplos de iniciativas que podem consolidar o gênero do jornalismo em quadrinhos no Brasil, acompanhando a tendência que se desenvolveu em outros países como Estados Unidos (a partir dos trabalhos de Art Spiegelman e Joe Sacco) e França (sobretudo, com as publicações da La Revue Desinée).

2.2 Fundamentação teórica do produto; conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto.

2.2.1 Modos de narrar e o repórter em cena

Este capítulo é dedicado a justificar a escolha do narrador em primeira pessoa na HQ Estilhaço tomando como referência algumas considerações sobre a narrativa cinematográfica, que invariavelmente é comparada à dos quadrinhos na literatura revisada.

Na reportagem, o narrador pode ser identificado em três instâncias narrativas. A primeira representa uma espécie de “voz-off” do cinema e de outros produtos audiovisuais e está presente nos retângulos que interligam os assuntos. A segunda maneira de narrar funciona como uma “voz-over” em que o narrador (no caso, a repórter) também é personagem e está presente na cena.

Haveria uma terceira instância narrativa que não é explicitada pela linguagem verbal, mas sim pelo o que ela não revela.

Bulhões (2009, p. 51) considera que no cinema “pode ser sempre difícil apreender com clareza a instância do narrador e do narrar em diversos filmes nos quais, além de um narrador-personagem, há uma câmera que ‘mostra’ muito que esse narrador-personagem considera”. Nas histórias em quadrinhos esse processo é semelhante, uma vez que, enquanto o narrador ou personagem falam, existe toda uma composição gráfica de cenários, recortes e ângulos que também assumem a função de narrar, de descrever aspectos da história que devem ser considerados pelo leitor. Bulhões (2009) sugere que essa instância narrativa “implícita” não apenas descreve a história, mas é assumida pelo espectador (ou leitor, no caso dos quadrinhos).

Há, portanto, uma voz narrativa situada no âmbito da história, que carrega uma fala explicitada, e uma outra modalidade, a de uma espécie de “narrador-olho-invisível”, representada pela câmera cinematográfica, que pode, inclusive, situar-se em um campo de visão que muitas vezes marca um grande desacordo com a “perspectiva” representada pela narração de um personagem. [...] Pode-se então, perfeitamente dizer que nesse caso convivem, ao mesmo tempo, duas modalidades distintas na atitude de narrar, sendo uma representada pela voz do personagem e outra conduzida com a perspectiva do “olhar” da câmera, muitas vezes hábil e vertiginoso (Bulhões, 2009, p. 52).

As possibilidades narrativas presentes no cinema, nos quadrinhos e em outras vertentes de comunicação estão relacionadas ao conceito de “focalização narrativa” da literatura, que representa o ponto de vista no qual a história está inserida.

A opção de desenvolver o roteiro da HQ Estilhaço com o narrador em primeira pessoa foi definida desde o início do projeto levando em consideração que as impressões da narradora-personagem poderiam enriquecer a história e trazer elementos que não são encontrados com frequência em reportagens tradicionais, proporcionando uma experiência de leitura diferenciada. A partir dessa escolha, é assumida a postura de que o jornalista não é imparcial e que não há pretensão de utilizar técnicas associadas à neutralidade, que dissimulem a interferência do profissional.

Essa questão percorre a HQ do início ao fim, por meio de metáforas que “brincam” e criticam a suposta imparcialidade, característica do “bom” jornalismo moderno. Piccinin e Etges (2014, p.

322) explicam que “a competência e a perícia do fazer jornalístico têm estado até então em boa parte associadas à capacidade de seus agentes – nesse caso os jornalistas – de estabelecerem um distanciamento e uma assepsia do fato narrado”, ou seja, a neutralidade estaria associada à ideia de credibilidade.

Com o surgimento de novas manifestações artísticas e culturais, a partir da década de 1960, passou-se a questionar os pressupostos de vertentes anteriores, consideradas de orientação positivista por Piccinin e Etges (2014), na qual o jornalismo estava inserido. Teria ocorrido uma espécie de “crise de representação” nas artes plásticas, cinema e literatura, que influenciaram o jornalismo no sentido de relativizar os pilares da objetividade e sugerir novos critérios de credibilidade à informação publicada.

O que chama atenção é que se trata de pôr em questão a impossibilidade das narrativas como “espelho do real” como prescrevia a estética moderna. Por essa razão, tem-se aqui um momento novo em que o contemporâneo – que pode ser compreendido, ainda que não consensualmente, como uma etapa pós-moderna ou de transição entre ambas – abre espaço para novas formas de construção das práticas discursivas no jornalismo, em que o real poderia ser narrado a partir inclusive de incursões subjetivas (Piccinin e Etges, 2014, p. 324).

A inserção do repórter foi uma técnica incorporada por representantes do *New Journalism* norte-americano, como Hunter Thompson, e pela grande mídia, como no caso do programa Profissão Repórter, veiculado pela Rede Globo. Como destacam Piccinin e Etges (2014, p. 323), “as incidências das subjetividades em reportagem especiais, mais próprias de veículos com periodicidade não diária, não só não comprometeriam a qualidade da narrativa da notícia, como contribuiriam para uma perspectiva humanizadora do relato”.

Nesse sentido, a HQ Estilhaço traz o repórter como testemunha e personagem, assumindo sua interferência na narrativa, assim como seus questionamentos, sentimentos e impressões. Para Piccinin e Etges (2014), o protagonismo do repórter, também identificado como um processo de “atorização” provoca o efeito de transparência à narrativa e relativiza a posição do jornalista, que não é mais o “dono da informação”, mas sim, o observador.

2.2.2 As contribuições teóricas da semiótica dos quadrinhos

Estudos na área de semiótica aplicada aos quadrinhos mostram o consenso de que as histórias em quadrinhos possuem relação estreita com outras modalidades artísticas, sobretudo as que surgiram no contexto da chamada cultura de massas. O conceito de cultura de massas, explorado pelos frankfurtianos, é evocado com frequência nas obras revisadas, com intuito de explicitar que os quadrinhos são filhos dessa cultura, que se desenvolveu juntamente à imprensa e à evolução dos meios de comunicação ao longo do século 20.

Embora exista relação com outras vertentes, os quadrinhos devem ser considerados uma linguagem autônoma, devido às escolhas criativas que são feitas durante a própria elaboração narrativa, pautadas por especificidades que serão abordadas adiante. Apesar disso, também foi possível observar as relações de parentesco estabelecidas, sobretudo, entre cinema, fotografia, literatura e quadrinhos. Cirne (1972), por exemplo, dedicou-se a descrever as possibilidades de se analisar quadrinhos a partir da comparação com o cinema no livro “Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada”. Cagnin (1975) situa os quadrinhos na categoria de “paraliteratura”, ao compará-los com os folhetins e com a literatura de cordel, em “Os quadrinhos”.

A maneira como os autores de HQ lidam com a apresentação do tempo narrativo é algo muito particular, dentro de um sistema em que imagem e texto se combinam, e essa seria uma das principais características dessa linguagem. Cirne (1971) recorre à Saussure para delinear o conceito de bloco significacional nos quadrinhos, descrevendo-o três dimensões: a articulação de um quadro com os anteriores, a visualidade geral da página (ou sua “diagramação”) e os cortes de espaço-tempo que um bloco é capaz de sugerir. Cada bloco pode estar relacionado com uma ou mais dessas dimensões, o que confere a riqueza da narrativa quadrinizada, indicando um eixo visual da página. Nessa perspectiva, a disposição das imagens nos quadros, organizados em sequência, proporcionam uma espécie de fusão entre espaço (indicado pelas imagens) e tempo, indicado pela sequência em que as imagens são apresentadas.

Cagnin (1975) também se dedica em analisar o tempo narrativo das HQs, classificando-o em seis dimensões: “o tempo enquanto seqüência de um antes e um depois”, “o tempo enquanto época histórica, era”, “o tempo astronômico”, “o tempo meteorológico”, “o tempo da narração” (o que se lê agora representa o presente na narrativa) e o “tempo de leitura” (os quadros podem representar ideias de passado, presente e futuro da história).

Tais categorias de tempo ficam aparentes nos quadrinhos a partir da escolha das elipses, daquilo que fica implícito entre uma “cena” e outra. Cabe ao leitor preencher os espaços em branco entre os quadros (também chamados de sarjetas) da página e relacioná-los como um todo.

Alguns elementos também são apontados como específicos das histórias em quadrinhos, pois adquiriram significados, que hoje, estão presentes no senso comum de muitos leitores: os balões, as onomatopeias e as legendas. Como define Cirne (1972), tais elementos se configuram como unidades significantes da narrativa quadrinizada.

O balão indica discurso direto com o auxílio do apêndice, que, em geral, é desenhado na direção do personagem que fala no momento da narração. Como observa Cagnin (1975), o balão, mesmo contendo um texto em seu interior, é uma imagem que, por si só, já é responsável por parte do processo de significação.

As onomatopeias também são elementos fundamentais nas HQs, pois estão inseridas no sistema de imagem e texto específico das histórias em quadrinhos. Ao mesmo tempo em que são desenhadas de infinitas maneiras (indicando exclamação, choro, surpresa, por exemplo), são elaboradas a partir do código verbal.

Em relação aos signos presentes na narrativa quadrinizada, Cagnin (1975) propõe a seguinte classificação: signos naturais (associados ao índice) e signos artificiais, que se dividem entre figurativos (associados ao ícone) e convencionais (associados ao símbolo). Tal classificação assemelha-se à do semiólogo Charles Peirce.

Nos quadrinhos, é comum tornar um signo icônico em simbólico e vice-versa. Como explica Cagnin (1975, p. 30), no código verbal, a relação do signo linguístico com o objeto representado

mentalmente é sempre indireta. As onomatopeias, por exemplo, não se assemelham em nada com a real expressão de um som. Já a imagem desenhada “tem íntima relação com o objeto representado, dando a impressão de uma quase realidade; a sua forma física tem relação direta com o objeto, é motivada”, apesar de a representação gráfica, em si, ser bem diferente do que é visto pela imagem retiniana.

A legenda também se insere na discussão dos elementos constitutivos dos quadrinhos, como uma imagem (geralmente em retângulo), que contém um texto em seu interior representando o discurso de um narrador em terceira pessoa ou em primeira pessoa, mas distanciado do momento da ação. Mais uma vez, a junção de imagem e texto proporciona uma significação particular à narrativa quadrinizada, que exige do leitor um conhecimento elementar de quadrinhos, uma certa familiarização com os recursos utilizados.

Cagnin (1975) observa que a soma da linguagem verbal com a visual nas histórias em quadrinhos estabelece uma relação rápida e direta com a realidade, à medida que a escrita o faz de maneira indireta. Embora haja essa distinção, não é possível dizer que a imagem e o texto podem ser totalmente desvinculados, mesmo que uma história em quadrinhos seja composta apenas por imagens, afinal, a interpretação do código imagético necessita do verbal para ser processada.

Na obra “Shazam!” (1972), de Álvaro de Moya, essa característica de vínculo com a realidade é o que faz da HQ um tipo de narrativa mais acessível ao público infantil. Para ele, com estudos acadêmicos sobre a comunicação de massa, a acusação de que os quadrinhos seriam capazes de alienar o público infantil e criar leitores preguiçosos foi abolida. Estudiosos, inclusive, chegaram a uma conclusão oposta: “os quadrinhos despertam uma resposta imediata, fulminante na mentalidade infantil” (Moya, 1972, p. 88).

2.2.3 Entrevistas e capítulos da HQ

As entrevistas da HQ Estilhaço foram feitas com os moradores de cidades do Vale do Jequitinhonha, a partir de um roteiro básico e aberto de assuntos. Foi essa seleção de assuntos

(alguns definidos previamente e outros durante a fase pré-roteiro) que orientou a divisão dos capítulos da reportagem. Cabe mencionar que não houve intenção de traçar perfis dos entrevistados, mas sim, interligar seus relatos na tentativa de oferecer uma visão ampla da situação vivida por eles. É possível dizer que houve a transposição do estilo de documentário tradicional, no qual vários personagens têm seus relatos editados em sequência, dando ideia de que eles “dialogam” entre si.

O primeiro capítulo, intitulado “A estrangeira” trata-se da chegada da repórter ao cenário desconhecido no qual iria estar imersa nos próximos dias da apuração. Estranheza e caos são impressões predominantes, que incidem desde os primeiros contatos com os moradores.

O segundo capítulo trata-se da discussão sobre os efeitos da seca na região, um tema exaustivamente explorado pela grande mídia quando o assunto é o Vale do Jequitinhonha. A intenção é questionar até que ponto os fatores climáticos são os grandes entraves ao desenvolvimento da região, o que é feito a partir de considerações sobre o histórico do Vale e do que a gestão pública tem feito para amenizar os períodos sem chuva, sobretudo nos distritos e povoados mais isolados, que são os que mais sofrem com a situação.

O capítulo “Políticas Públicas” discute as condições de emprego e renda dos entrevistados e o quanto benefícios como Bolsa Família e Pronaf influenciam na obtenção de renda das famílias. O roteiro de perguntas elaborado previamente propunha discutir as condições de emprego na região, mas, com o decorrer das entrevistas, a temática dos benefícios sociais teve protagonismo, uma vez que a maioria dos trabalhadores obtém renda na lavoura e essa renda é totalmente variável por conta das condições climáticas. O dinheiro que recebem dos programas de transferência de renda, empréstimos de apoio à agricultura familiar e aposentadoria se configuram como as principais fontes de sobrevivência, de acordo com os relatos captados na apuração.

O quarto capítulo, intitulado “As meninas mulheres” tem como protagonistas algumas personagens femininas, que enfrentam as consequências da desigualdade de gêneros desde cedo, refletindo no modo como enxergam suas vidas. A própria condição da repórter, sendo mulher e

jovem, proporcionou aproximação e identificação imediata com tais personagens, salvo as diferenças por ter sido criada no contexto da classe média baixa paulistana.

O capítulo “Estilhaço” se configura como o momento de “crise”, importante para a elaboração de um argumento de história em quadrinhos, assim como em outras modalidades. A discussão sobre a imparcialidade no jornalismo é preponderante nesse capítulo, uma vez que a repórter questiona sua própria “neutralidade” ou falta dela no contato com as fontes.

O sexto capítulo, “O encantamento do mundo”, trata-se de um episódio marcante da viagem, que sintetiza a importância da fé e da religião para muitos dos entrevistados que vivem nas condições de pobreza que se perpetuam no Vale do Jequitinhonha.

Por fim, o capítulo “Preto branco cinza” tenta aglutinar as principais impressões e conclusões (talvez não tão conclusivas) sobre a experiência da jornalista durante a viagem. É o momento em que as pontas do início da história se unem às do fim, por meio da metáfora do caleidoscópio que, a todo o momento, retoma a reflexão sobre neutralidade *versus* subjetividade no jornalismo e as saídas encontradas para resolver tal impasse.

2.3 Fundamentação teórica das técnicas jornalísticas empregadas.

A partir da escolha do gênero de jornalismo em quadrinhos para orientar a produção da grande reportagem, foram consultados temas que pudessem fundamentar tal escolha e as técnicas jornalísticas empregadas.

Negri (2003) exemplifica as técnicas utilizadas pelo jornalista e quadrinista Joe Sacco que conferem a legitimidade de seus trabalhos no campo do jornalismo. A primeira técnica citada é a formulação de pauta, cuja liberdade de escolher os temas aproxima-se da produção de um livro-reportagem. A segunda é a captação de informações, que também se assemelha à da grande reportagem em HQ pela liberdade em dialogar com diversas fontes e opções de enquadramento do tema. A terceira técnica é a entrevista, elemento fundamental da apuração jornalística que, aliada à observação minuciosa do repórter, embasa as reportagens de Sacco (NEGRI, 2003).

Outra referência utilizada na pesquisa e na elaboração do produto é a dos estudos de Medina (2002) sobre as potencialidades da entrevista. Em sua obra, a autora idealiza uma entrevista em que não haja diferenciação entre entrevistador e entrevistado, caracterizada como o “diálogo possível”. Nesse sentido, as entrevistas a serem realizadas serão de caráter aberto, como propõe Medina (2002):

Eis algumas das possibilidades de enriquecimento informativo na entrevista aberta, sem a camisa-de-força do questionário fechado: o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação (MEDINA, 2002, p. 11).

Em relação à maneira pela qual o jornalista Joe Sacco aborda os temas de suas reportagens, Negri (2003, p. 6) destaca que ele parte de uma “visão pluridimensional do fato”, dando voz, inclusive, a pessoas que pouco são ouvidas pela mídia convencional. Outra característica apontada pela autora é a forte contextualização dos fatos, “item que diferencia o simples jornalismo informacional – relato fragmentado da realidade baseado no lead e na pirâmide invertida – da grande reportagem” (p. 7). Nesse aspecto, o trabalho baseou-se na metodologia de procedimento para contextualização da reportagem, o que inclui pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudos de campo (GIL, 2002).

A autora, por fim, comenta a eficácia da humanização do relato de Sacco:

Há outras características referentes à grande reportagem que podem ser encontradas na obra de Joe Sacco. A humanização do relato, tão difundida pelo new journalism norte-americano através da polêmica técnica do fluxo de consciência, ganha em eficiência, pois agora o personagem tem seu perfil revelado através da imagem, no caso, da caricatura (NEGRI, 2003, p. 7).

As técnicas e abordagens mencionadas anteriormente serviram de base para o trabalho proposto neste projeto, considerando o gênero do jornalismo em quadrinhos como uma vertente a ser explorada.

A metodologia etnográfica também foi tomada como referência na apuração da reportagem em quadrinhos (considerando limitações operacionais e do tempo disponível para aproximação com

as fontes), à medida que as entrevistas foram realizadas em um período aproximado de dez dias percorrendo o Vale do Jequitinhonha, desde a porção mais próxima a São Paulo, até a divisa com o Estado da Bahia. O antropólogo Geertz (1978) propõe uma definição de etnografia:

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” [...] (GEERTZ, 1978, P. 15).

A experiência de passar certo período de tempo acompanhando a vida dos moradores do Jequitinhonha pode contribuir para uma compreensão menos superficial e idealizada de uma população que vive em condições muito contrastantes com outras regiões de Minas Gerais e mesmo do Brasil. Segundo Geertz (1978, p.24), “compreender a cultura de um povo expõe sua normalidade sem reduzir sua particularidade” e exige uma vivência que permita aproximação – no caso desta pesquisa, entre entrevistadora e entrevistados.

Outra referência de como os personagens foram inseridos na narrativa está relacionada à ideia de “biografias em fractais”, de Pena (2004), em que os relatos das fontes refletem aspectos gerais de determinado contexto. O termo “fractal” pode ser definido da seguinte maneira:

Para resumir, fractal é uma figura geométrica n-dimensional com uma estrutura complexa e pormenorizada em qualquer escala. Os fractais são auto-similares e independentes em escala, ou seja, cada pequena seção de um fractal pode ser vista como uma “réplica” em tamanho menor de todo o fractal. O que significa que podemos recorrer a um padrão dentro de outro padrão e assim por diante, partindo da complexidade maior do todo (PENA, 2004, p. 98).

Desse modo, os relatos de cada fonte puderam dialogar com os grandes temas escolhidos para compor a história, como se a individualidade refletisse um conjunto de situações de vivências comuns às pessoas que vivem no Jequitinhonha. A opção de utilizar o conceito de biografias fractais como referência também parte da noção de que as identidades são compostas por múltiplos

elementos que as tornam fragmentadas, cabendo ao jornalista tentar “mapear” os aspectos de convergência.

Mas se definir a identidade do biografado em explicações coerentes e totalizantes torna-se inviável, fraccionar essa identidade em múltiplas e similares identidades, em simetria de escala e recorrência de possíveis padrões, parece ser uma boa opção.

A identidade é descentrada e fragmentada. Tem lugar para contradições e esquizofrenias. Classe, gênero, sexualidade, etnia, nacionalidade, raça e outras tantas nomeações formam uma estrutura complexa, instável e, muitas vezes, deslocada. Nas contradições e deslocamentos estão os fractais da identidade (Pena, 2004, p. 99).

Pena (2004, p. 100) esclarece que selecionar o que há de comum entre as biografias é uma tarefa que implica a interpretação, ou seja, a subjetividade do jornalista, pois, o entrevistador termina por dividir a narrativa em capítulos ligados ao temas que escolheu, considerando os relatos dos entrevistados. Porém, há o reconhecimento de que “essas histórias encaixam-se apenas primariamente nos capítulos nominais, podendo estar também em outros capítulos, já que os fractais, apesar de independentes, são auto-semelhantes”, o que caracteriza potencialidade das biografias fractais em tratar de narrativas complexas.

Baseando-se nos estudos de Nilson Lage, Pena (2004, p. 102) reflete que lidar com identidades contraditórias e fragmentadas que se relacionam entre si evidencia “a responsabilidade do produtor do discurso pela escolha de seus sistemas de referência, mesmo que ele tenha consciência da complexidade do palco contemporâneo”.

3 PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

A linguagem dos quadrinhos possibilita que o público alvo seja abrangente, incluindo estudantes do ensino médio e superior, bem pessoas de outras formações acadêmicas. Outro nicho de público é o de amantes de quadrinhos, que costumam colecionar obras e investir em publicações impressas.

É preciso considerar que as referências empregadas na reportagem podem ser identificadas em diferentes níveis de leitura, de acordo com as referências do leitor, mas, no geral, a combinação

entre o verbal e o visual foi feita de maneira acessível ao público habituado a ler tirinhas, cartuns, entre outras publicações de quadrinhos na imprensa.

A viabilidade econômica de produzir uma reportagem em quadrinhos se concretiza na expectativa de que o formato não tradicional atraia mais leitores e os aproxime de temas sociais que não são aprofundados pela grande mídia. A equipe precisa incluir, minimamente, um repórter, um fotógrafo e um quadrinista. No caso da HQ Estilhaço, houve a vantagem de que a repórter também assumiu a função de quadrinista e roteirista, reduzindo a necessidade de colaboradores. Fotografia e diagramação foram terceirizados.

A HQ pode ser uma edição especial de algum veículo jornalístico impresso e também pode ser publicada online, como fez a Pública (agência de jornalismo investigativo) em reportagem sobre a prostituição em Fortaleza na época da Copa do Mundo de 2014. No caso da Pública, houve a seriação da grande reportagem em capítulos previamente divulgados pelas redes sociais.

Por ser um trabalho autoral, a HQ pode se tornar objeto de interesse de editoras que publicam romances gráficos como, por exemplo, Conrad, Quadrinhos da Cia., Mino, entre outras. Além disso, existe a possibilidade do trabalho ser divulgado em eventos específicos de quadrinhos, que reúnem diversos artistas e ocorrem com certa frequência nas capitais brasileiras.

Os custos de produção da reportagem em quadrinhos incluíram: 1) viagem de dez dias para realização das entrevistas; 2) compra de material para desenho (bloco de folhas A3 e canetinhas nanquim de várias espessuras); 3) diagramação terceirizada e 4) impressão dos exemplares. Equipamentos como câmera digital, mesa digitalizadora, scanner e computador não foram incluídos no orçamento. O valor total pode ser calculado em 1500 reais e cada exemplar (impresso preto, branco e cinza, papel offset 90g e capa dura colorida) custa cerca de 40 reais, que é a média de preço de uma *graphic novel* comprada em livraria.

4 METODOLOGIA

4.1 Descrição das atividades executadas;

As atividades desenvolvidas no processo de elaboração da HQ Estilhaço podem ser divididas em dois momentos: apuração e confecção.

A apuração foi feita em dezembro de 2013 durante a viagem de dez dias para o Vale do Jequitinhonha. Nessa fase, a repórter entrevistou, fotografou e filmou fontes e cenários possíveis para a representação gráfica da reportagem.

A segunda fase, na qual foi iniciado o processo artesanal de elaboração da HQ, é possível mencionar sete atividades, que foram feitas em sequência: decupagem das entrevistas, roteirização, criação do *storyboard* (ou *thumbnail*, que é uma versão simplificada dos principais elementos de cada página), desenho, escaneamento, colorização digital e diagramação.

4.2 Descrição das técnicas empregadas;

As técnicas utilizadas na produção da reportagem incluem aplicação do que foi apreendido ao longo da graduação em Comunicação Social, com ênfase em jornalismo. As entrevistas foram abertas e semi-abertas (com utilização de um roteiro básico de perguntas e assuntos principais), sem uma sistematização que pudesse engessar a aproximação com as fontes.

Os desenhos e textos da história em quadrinhos foram feitos artesanalmente e coloridos por processo digital através da utilização do Photoshop (programa de computador da Adobe).

4.3 Descrição do produto final.

O produto final é uma história em quadrinhos no estilo *graphic novel* ou romance gráfico, impressa com acabamento de livro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apuração da grande reportagem foi feita durante uma viagem de dez dias percorrendo a região do Vale do Jequitinhonha, desde a porção localizada mais ao centro de Minas Gerais até a

divisa com a Bahia. A elaboração do roteiro e da arte da reportagem em quadrinhos possibilitou testar a potencialidade desse tipo de narrativa, inserida no contexto em que, cada vez mais, a imagem é considerada um recurso fundamental no campo do jornalismo e das novas mídias.

Para fundamentar tal processo foi preciso estudar o que autores da área de semiótica e comunicação produziram sobre a narrativa das histórias em quadrinhos e de que maneira ela se tornou objeto de estudo dessas áreas de conhecimento.

Além das técnicas jornalísticas de pauta, apuração e entrevistas, outros conceitos foram tomados como referência no trabalho, como etnografia e biografias em fractais para orientar a narrativa da reportagem.

O processo de roteirização e planejamento (verbal e gráfico) da reportagem foram os momentos mais desafiadores da elaboração da HQ, exigindo do jornalista/quadrinista grande sensibilidade para lidar com discursos contraditórios, de forma que o trabalho pudesse contribuir para a visibilidade de uma população que enfrenta dificuldades em exercer sua cidadania.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEATTIE, John. Introdução à antropologia social: objetivos, métodos e realizações da antropologia social /John Beattie ; tradução de Heloísa Rodrigues Fernandes. - São Paulo : Nacional : EDUSP, 1971

BULHÕES, Marcelo Magalhães. A questão do narrador na ficção midiática. Alceu: Revista de Comunicação, Cultura e Política.v. 9, n. 18, Rio de Janeiro: PUC, 2009.

CAGNIN, Antonio Luiz. Os quadrinhos. São Paulo: Ática, 1975.

CIRNE, Moacy. A explosão criativa dos quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1972.

CIRNE, Moacy. Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

PENA, Felipe. Biografias em fractais: múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis. ALCEU - v.4 - n.8 - p. 94 a 105 - jan./jun. 2004.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro : LTC, 1989.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRERO, Patricia. Vale do Jequitinhonha: a região e seus contrastes. Revista Discente Expressões Geográficas, nº 05, ano V, p. 81 – 100. Florianópolis, maio de 2009.

MEDEIROS, Eduardo; GOMES, Iuri. Jornalismo em quadrinhos na revista Fórum: nova prática jornalística no Brasil. GT História do Jornalismo, integrante do 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013.

MEDINA, Cremilda. Entrevista: o diálogo possível. São Paulo : Ática, 1995.

MOYA, Alvaro de. Shazam!. São Paulo: Perspectiva, 1970.

NASCIMENTO, Elaine. Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural. Revista de Artes e Humanidades, n.4, 2009.

NEGRI, Ana Camilla. Um novo gênero jornalístico: a reportagem em quadrinhos de Joe Sacco. Anais do INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

PICCININ, Fabiana; ETGES Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: análise da atorização em “Profissão Repórter”. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Narrativas comunicacionais complexificadas. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2014.

PIETROFORTE, Antonio Vicente; GÊ, Luiz. Análise textual da história em quadrinhos: uma abordagem semiótica da obra de Luiz Gê. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, Eduardo; GALIZONI, Flávia. Água, população rural e políticas de gestão: o caso do vale do Jequitinhonha, Minas Gerais. Ambiente & Sociedade - Vol. V - no 2 - ago./dez. 2002 - Vol. VI - no 1 - jan./jul. 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Por que as comunicações e as artes estão convergindo? São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Tradução Maria Jorge Vilar de Figueiredo. - Lisboa :
Presença, 1987.